

TEMPORADA 1996

ABRIL 9 - 10 - 11

OS SOLISTAS DE MOSCOU

YURI BASHMET - REGÊNCIA E VIOLA

MAIO 6-7-8

ORQUESTRA GEWANDHAUS DE LEIPZIG

KURT MASUR - REGÊNCIA

MAIO 14 - 15 - 16

QUARTETO GUARNERI

CORDAS

YO-YO MA

VIOLONCELO

KATHLEEN BATTLE

SOPRANC

JUNHO 24 - 25 - 27

NELSON GOERNER

PIANO

AGOSTO 8 - 9 - 12

MAXIM VENGEROV

VIOLING

SETEMBRO 2-3-4

ORQUESTRA NACIONAL DA FRANÇA

CHARLES DUTOIT - REGÊNCIA

SETEMBRO 24 - 25 - 26

ORQUESTRA DE CÂMARA FERENC LISZT

MALIRICE ANDRÉ - TROMPETE

OLITUBRO 21 - 22 - 23

ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

PIERRE BOULEZ E DAVID ROBERTSON - REGÊNCIA

NOVEMBRO 8 - 11 - 13

CECILIA BARTOLI

METTO SOPRANO



Eficiência. Para o BCN, esta é a palavra-chave do sucesso. Buscando desenvolver cada vez mais sua estrutura tecnológica e humana, o BCN investe em todas as áreas para torná-las cada vez mais eficientes. Para isso, foi desenvolvido um novo conceito de atendimento e implantadas inovações tecnológicas de ponta, colocando à disposição do cliente informações instantâneas, gerenciamento automático de aplicações e resgates, além de propiciar ganhos efetivos graças à rapidez das comunicações. A parte humana não fica atrás de todas as inovações técnicas: o BCN investe alto em recursos humanos, valorizando todos os funcionários como profissionais e seres humanos.

O resultado de todo esse investimento retorna para os clientes BCN, que contam com um banco cada vez mais ágil e cada vez mais eficiente. BCN. Eficiência à frente do seu tempo.





em colaboração com

Association Française d'Action Artistique



Ministère des Affaires Étrangères apresenta

ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

PIERRE BOULEZ E DAVID ROBERTSON

Regência

Apoio





Promoção















REIVINDICAR A AVENTURA

A criação dos dias de hoje, como a totalidade das obras do século XX, sempre precisou ser fortemente representada e defendida. E agora mais do que nunca, uma vez que os arquivos musicais e os arquivistas tendem a nos submergir na indolência, no desânimo e na ilusão, e já que os faróis que deveriam sinalizar camínhos parecem estar em suspenso, sem saber ao certo o que significam ou o que pretendem iluminar...

Defender? Sem dúvida alguma! Mais do que isso, é preciso reivindicar! Reivindicar a aventura, reclamar a incerteza, desejar e buscar o território desconhecido! Mas, simultaneamente, é preciso estar seguro dos instrumentos necessários a essa exploração, para que não nos abandonemos à calmaria nem queiramos dar a impressão de ser inspirados quando da ausência de meios para levar a cabo a travessia.

Oferecer as melhores condições possíveis para favorecer a realização daquilo que hoje se acredita ser o mais rico e promissor; assegurar a difusão e a disseminação, das mais diversas formas, de obras sintonizadas com nosso tempo, nosso espaço e nosso interlocutor; provocar o contato entre criador, intérprete e testemunha, para permitir o enriquecimento recíproco da imaginação e das sensibilidades; manter a vigilância absoluta, sem considerações de ordem nacional ou patrimonial e sem nos limitarmos, mediocremente, à pequenez dos pequenos círculos: são esses, explicitamente, os objetivos aos quais nos encontramos intimamente ligados, aos quais nos dedicamos com empenho, e em relação aos quais, acredito, temos sido bem sucedidos.

Essa comunidade, que é a nossa, permanece um ponto de partida, representa uma espécie de fermento. Não há nada de extraordinário no fato de sermos permanentemente contestados. Será mesmo possível tomar uma posição consciente e determinada sem provocar protestos e agitação, e sem que, ao mesmo tempo, isso mobilize energias, aproxime indivíduos e galvanize personalidades?

"Melhor provocar inveja do que compaixão", diz o provérbio... E ainda assim é preciso que essa inveja não seja simplesmente o inverso da compaixão, mas que represente o estímulo necessário para continuarmos a nos superar, diariamente, em nosso desejo de realizações, um desejo que nos acompanha desde o início e que, mais do que nunca, permanece inalterado.

Pierre Boulez Janeiro de 1992



Até o ano de 1976, a França não dispunha de um conjunto permanente dedicado à música do século XX. Menos conhecido do que a música dos séculos precedentes, o repertório do século XX, mais do que qualquer outro, precisa ser tocado com a desenvoltura e o virtuosismo característicos das melhores orquestras para obter a adesão dos ouvintes. Foi por essa razão essencial que, em 1976, Michel Guy, na época Ministro da Cultura, e Pierre Boulez decidiram criar um conjunto musical "a serviço da música do nosso tempo", entregando a Nicholas Snowman a responsabilidade pelos estudos para a sua formação.

Integrado por trinta e um solistas contratados através de concurso público, o *Ensemble InterContemporain* realizou seus primeiros concertos na cidade de Villeurbanne, em dezembro de 1976, e estreou em Paris, no *Théâtre de la Ville*, em janeiro do ano seguinte. Dirigido sucessivamente por Michel Tabachnik (1976 – 1977) e Peter Eötvös (1979 – 1991), o *Ensemble InterContemporain* encontra-se sob a Direção Musical de David Robertson desde 1992.

CRIAÇÃO, DIFUSÃO E ENSINO: OS TRÊS PRINCIPAIS OBJETIVOS DO ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN.

Criação

O Ensemble estabelece e mantém relações com inúmeros compositores, encomendando-lhes obras que apresenta em primeiras audições em Paris e no exterior. De 1977 até hoje foram comissionados mais de cem títulos e realizadas mais de 300 estréias, na França e em outros países. Não se trata, é claro, de tocar essas obras uma única vez. Assim, o trabalho que acompanha a criação – isto é, sua integração progressiva ao repertório e aos circuitos de difusão – é tão importante quanto a primeira apresentação de uma peça. Essas grandes composições só podem ser conservadas por meio de sua assimilação pelos músicos e pelo público, que se familiariza com elas pouco a pouco.

As mais convincentes dessas obras são freqüentemente apresentadas em París e em outros centros, em salas cada vez mais importantes, e também em turnês ou através de transmissões pelo rádio em vários países e, sempre que possível, registradas em discos.

Difusão

Ao conjunto dessas novas criações o *Ensemble InterContemporain* acrescenta todos os clássicos do século XX e grande parte das mais importantes obras de câmara compostas a partir dos anos 50, o que representa um total de mais de mil títulos. A rigor, a segunda missão do *Ensemble* é difundir ao máximo o repertório deste século, ainda pouco conhecido do grande público.

O Grupo apresenta cerca de 80 concertos anuais, na França, sobretudo em Paris, e no exterior, atingindo, a cada ano, mais de 50.000 espectadores. Além de seus concertos, o *Ensemble* desenvolve projetos audiovisuais e dá cumprimento a uma política sistemática de gravações radiofônicas.

Ensino

Desde 1994, ano de sua instalação na Cité de la Musique, ao lado do Conservatório Nacional Superior de Paris, o Ensemble InterContemporain tem trabalhado intensivamente no campo da pedagogia e do ensino, através de atividades dirigidas ao público e aos profissionais. Graças à experiência adquirida ao longo dos anos, os membros do Ensemble podem transmitir seus conhecimentos a jovens maestros, compositores e instrumentistas, ajudando-os a penetrar no mundo profissional.

Paralelamente – por meio de uma estreita colaboração com os membros de La Villette-Cité de la Musique, do Conservatoire National Supérieur de Musique et de Dance de Paris –, o Ensemble inicia os alunos de escolas primárias e secundárias na descoberta e na prática da música do século XX. Para isso, David Robertson e os músicos do Ensemble trabalham intensamente com os próprios professores, orientando-os no ensino da música contemporânea e levando-os a conceber projetos originais relativos a um determinado compositor ou tema. Assim, o Ensemble InterContemporain contribui também para formar o público de amanhã.

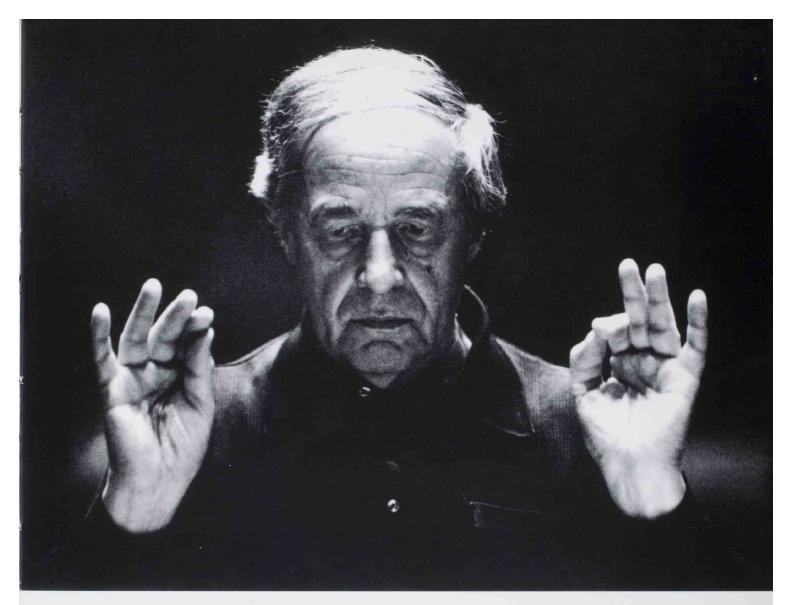
MÚSICA DE CÂMARA

No Ensemble, a música de câmara constitui um departamento administrado diretamente pelos músicos e que se encontra em plena expansão, uma vez que o repertório do Grupo compreende mais de 500 obras para solistas e pequenas formações sem maestro. Alimentado pelas iniciativas dos músicos do Ensemble, que descobrem peças e encomendam novas criações aos compositores, o repertório de câmara tem-se expandido consideravelmente. Nesse sentido, um Trio de Cordas, um Quarteto, um Conjunto de Sopros e Percussão e uma formação de Dois Pianos e Percussão vêm contribuindo de modo apreciável para o desenvolvimento do novo repertório. Destinando cerca de um terço de seu orçamento de produção à música de câmara, o Ensemble InterContemporain realiza anualmente diversas séries de concertos com solistas, em Paris ou no exterior, atingindo platéias que variam de duzentos a mil espectadores por evento.

RELAÇÕES COM O INSTITUT DE RECHERCHE ET DE COORDINATION ACOUSTIQUE MUSIQUE - IRCAM

O *Ensemble* é o responsável pela estréia da maior parte das obras para instrumentos e tecnologia compostas no *IRCAM*, e vários de seus músicos também participam dos projetos de pesquisa sobre novas técnicas instrumentais e suas extensões eletroacústicas (flauta 4X, instrumentos MIDI e assim por diante).

Graças à associação IRCAM – Ensemble, os compositores dispõem de um amplo leque de possibilidades que lhes permite compor para instrumentos-solo, para instrumentos e eletrônica ou informática, e transitar entre diferentes universos. Em Paris, o Ensemble InterContemporain e o IRCAM organizam anualmente uma temporada musical comum que muitas vezes se transforma em turnês francesas e internacionais.



PIERRE BOULEZ

Nascido em 1925, na cidade de Montbrison – Loire, Pierre Boulez foi aluno de Olivier Messiaen, com quem estudou harmonia no Conservatório de Paris. Nomeado diretor da música de cena na Companhia Renaud-Barrault em 1946, compôs, no mesmo ano, a Sonatina para Flauta e Piano, a *Première Sonate* para Piano e a primeira versão de *Visage Nuptial*, para soprano, viola e orquestra de câmara, obra baseada em poemas de René Char.

Compositor, ensaísta e regente permanentemente preocupado com a difusão da música contemporânea e com a evolução do relacionamento entre o público e a criação, Pierre Boulez fundou, em 1954, a série de concertos do *Domaine Musical*, que dirigiu por 13 anos, em 1975 criou o *IRCAM*, de que foi Diretor até 1991 e onde ocupa hoje o posto de Diretor Honorário, e em 1977 esteve à frente da criação do *Ensemble InterContemporain*, do qual é Presidente.

Nomeado regente titular da *BBC Symphony Orchestra* em 1971, nesse mesmo ano substituiria Leonard Bernstein na direção da Orquestra Filarmônica de Nova lorque, posto que ocuparia até o ano de 1977. Em 1976, quando das comemorações do centenário do *Ring* wagneriano, Boulez esteve à frente de uma nova produção (*mis en scène* de Patrice Chéreau) da Tetralogia de Wagner em Bayreuth, que dirigiria por cinco anos consecutivos. Sua obra *Répons*, para conjunto instrumental e computador estreou, em sua quarta versão, durante o Festival de Avignon em 1988.

Professor no *Collège de France*, Pierre Boulez é também autor de vários trabalhos sobre música e possui respeitável discografia.



DAVID ROBERTSON

Nascido em 1958, em Santa Mônica – Califórnia, estudou trompa, viola e, mais tarde, regência orquestral, na *Royal Academy of Music* de Londres, prosseguindo sua formação com Kiril Kondrachin e Rafael Kubelik, em Lucerna. Depois de obter o segundo prêmio no Concurso Nikolai Malco, em Copenhague, dirigiu várias orquestras escandinavas e, em seguida, foi Regente Titular da Orquestra de Jerusalém, posto que ocupou de 1985 a 1987. Paralelamente a suas atividades como regente de música sinfônica e de concerto, Robertson dirigiu também produções líricas como *Werther, Il Trittico, Così fan tutte, Aida, A Flauta Mágica* e *Pelléas et Mélisande* e gravou *Le Château des Carpates*, de Philippe Hersant, bem como obras de Schmitt, Saint-Saëns e Lalo.

Em 1992, assumiu a Direção Musical do Ensemble InterContemporain, cujo repertório ajudou a expandir, dirigindo, entre outras obras, algumas óperas. Em agosto de 1993, partícipou do Festival Internacional de Edimburgo, regendo óperas de Schubert, Janácek e Verdi. Durante a temporada 1994/95, abriu o Festival Rossini, em Pesaro, com *A Italiana em Argel*. Em 1995, estreou junto à *San Francisco Opera* – em concerto comemorativo do qüinquagésimo aniversário das Nações Unidas –, Casa a que retornará em 1997 para reger *Rigoletto*. No *Metropolitan* de Nova Iorque, regeu *The Makropoulos Case*, de Janácek, em 1996. Na temporada lírica internacional 1996/97, dirige duas estréias mundiais: a nova ópera de Luciano Berio, no *Scala* de Milão, e uma criação inédita de Philippe Manoury, no *Théâtre du Châtelet* em Paris. Em 1998, estreará na Ópera de Hamburgo, regendo uma nova produção de *La Cenerentola*.

Recentemente, David Robertson gravou a música de Silvestrov com a *Deutsch Sinfonie Orchester* de Berlim, para a *SONY Classical*.

DIMITRI VASSILAKIS, piano

Ateniense nascido em 1967, Dimitri Vassilakis iniciou seus estudos musicais em sua cidade natal antes de sediar-se em Paris, onde estudou com Gérard Frémy no Conservatório Nacional. Ali, por decisão unânime e um tanto excepcional de seus professores, formou-se em primeiro lugar em piano, em música de câmara e em acompanhamento.

Dimitri Vassilakis apresenta-se regularmente como solista na Europa, na África do Norte, no Extremo Oriente e na América do Norte. Integra o *Ensemble InterContemporain* desde 1992, e em 1995 estreou *Incises* de Pierre Boulez.

SOPHIE CHERRIER, flauta

Nascida em Nancy, em 1959, fez seus estudos no Conservatório local e em 1979 foi distinguida com o primeiro prêmio em flauta e em 1980 com o primeiro lugar em Música de Câmara no Conservatório Nacional em Paris. Em 1983, alcançou o quarto lugar no Concurso Internacional Jean-Pierre Rampal.

Titular do *Certificat d'Aptitude à l'Enseignement*, foi nomeada professora do Conservatório Nacional da Região de Paris e tem participado de inúmeras *master classes*, sobretudo no *Centre Acanthes*, em aulas consagradas a Berio e Boulez. Solista do *Ensemble InterContemporain* desde 1979, Sophie Cherrier apresenta-se também como solista na França e no exterior.

De seu repertório constam inúmeras estréias, dentre as quais se destacam *Mémoriale...explosante-fixe...*, de Pierre Boulez, *Esprit rude, Esprit doux*, para flauta e clarineta, de Elliot Carter, e *Chu Ky V*, para flauta e fita, de Ton-Thât Tiêt. Sophie Cherrier, ao lado Pierre-Laurent, gravou a *Sonatine* de Boulez para o selo *ERATO*.

FLORENT BOFFARD, piano

Nascido em 1964, estudou no Conservatório Nacional da Região de Lyon antes de entrar para o Conservatório Superior de Música de Paris, onde foi aluno de Yvonne Loriod. Primeiro prêmio de piano, música de câmara, harmonia e acompanhamento, também foi homenageado com o primeiro lugar no Concurso Internacional Claude Kahn e o segundo prêmio do certame Viana da Motta de Lisboa.

Solista convidado dos festivais de Montpellier, LaRoque d'Anthéron, Berlim e Bath, Florent Boffard integra o *Ensemble InterContemporain* desde 1988.





ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

Presidente Pierre Boulez
Diretor Musical David Robertson
Administrador Geral Hervé Boutry
Diretor Administrativo e Financeiro Pierre Choffé

Flautas

Sophie Cherrier, Emmanuelle Ophèle

Oboés

Laszlo Hadady, Didier Pateau

Clarinetas

Alain Damiens, André Trouttet

Clarineta baixa

Alain Billard

Fagotes

Pascal Gallois, Paul Riveaux

Trompas

Jeans McManama, Jean-Christophe Vervoitte

Trompetes

Antoine Curé, Jean-Jacques Gaudon

Trombones

Jérôme Naulais, Benny Sluchin

Tuba

Gérard Buquet

Percussão

Vincent Bauer, Michel Cerutti, Daniel Ciampolini

Pianos e teclados

Florent Boffard, Hidéki Nagano, Dimitri Vassilakis

Harpa

Frédérique Cambreling

Violinos

Jeanne-Marie Conquer, Hae Sun Kang, Maryvonne Le Dizès

Violas

Christophe Desjardins, Odile Duhamel

Violoncelos

Jean-Guihen Queyras, Pierre Strauch

Contrabaixo

Frédéric Stochl

Demais músicos que integram esta turnê do Ensemble InterContemporain

Clarineta

Olivier Voize

Clarineta

Michel Arrignon

Flauta

Florence Souchard Delepine

Saxofone

Jacques Baguet

Percussão

Eve Payeur

Percussão

Christophe Bredeloup

Diretor geral de palco

Gilles Blum

Diretores de palco

Jean Radel, Damien Rochette

PROGRAMA

21 DE OUTUBRO DE 1996, SEGUNDA-FEIRA, 21H

PIERRE BOULEZ, regência DIMITRI VASSILAKIS, piano

PRIMEIRA PARTE

Philippe Manoury (1952)

Musique II para Metais e Percussão (1986)

Anton Webern (1883 - 1945)

Concerto Opus 24 (1934)

Etwas lebahft Sehr langsam Sehr rasch

György Ligeti (1923)

Concerto para Piano (1987)

Vivace molto ritmico e preciso

Lento e deserto

Vivace cantabile

Allegro risoluto

Presto luminoso

Arnold Schoenberg (1874 – 1951)

SEGUNDA PARTE

Suíte Opus 29 (1926)

Ouverture (Allegretto, Sehr flott)

Tanzchritte (Moderato)

Thema mit Variationen (Langsam...)
Gique (aber eher etwas rascher)

22 DE OUTUBRO DE 1996, TERÇA-FEIRA, 21H

PIERRE BOULEZ, regência FLORENT BOFFARD, piano

PRIMEIRA PARTE

Edgar Varèse (1883 – 1965)

Intégrales (1925)

Igor Stravinsky (1882 – 1971)

Oito Miniaturas Instrumentais (1962)

Andantino

Vivace

Lento

Allegretto

Moderato (alla breve)

Tempo di marcia

Larghetto

Tempo di tango

Igor Stravinsky

Concertino para 12 instrumentos (1952)

Pierre Boulez (1925)

Dérive 2 et 1 (1990 - 1996)

SEGUNDA PARTE

Edgar Varèse

Octandre (1923)

Assez lent

Très vif et nerveux

Grave

Harrison Birtwistle (1934)

Silbury Air (1977)

Olivier Messiaen (1908 – 1992)

Oiseaux exotiques (1956)

23 DE OUTUBRO DE 1996, QUARTA-FEIRA, 21H

DAVID ROBERTSON, regência SOPHIE CHERRIER, flauta

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

Pierre Boulez (1925)

Mémoriale (1985)

Philippe Hurel (1955)

Pour l'image (1987)

Peter Eötvös (1944)

Chinese Opera (1986)

Vorspiel und Vorhänge (para Peter Brook)

Erste Szene in E und Gis (para Luc Bondy)

Comic 1 (para Bob Wilson)

Zweite Szene in F und G (para Klaus Michael Grüber)

Comic 2 (para Jacques Tati)

Dritte Szene in Fis und C Vorhänge (para Patrice Chéreau)

Arnold Schoenberg (1874 – 1951) Sinfonia de Câmara Opus 9 (1906)

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

CECILIA BARTOLI

MEZZO SOPRANO

8 de novembro, sexta-feira, 21h (Série Branca)

11 de novembro, segunda-feira, 21h (Série Azul)

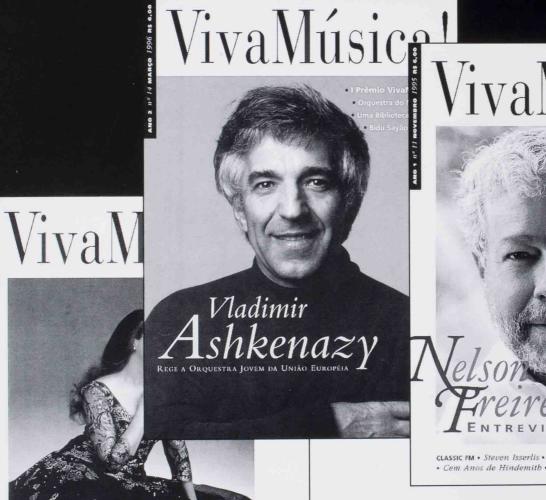
13 de novembro, quarta-feira, 21h (Série Verde)

16 de novembro, sábado, 21h

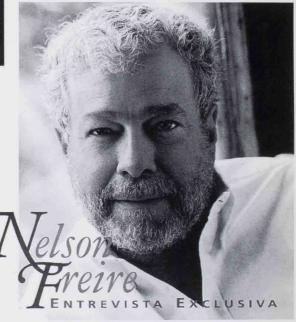


Ligando para (021) 253-3461, você recebe um exemplar de VivaMúsica! inteiramente grátis.

(Mas por favor, nada de celular dentro do teatro).



VivaMúsica!



CLASSIC FM • Steven Isserlis • BIENAL DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA • Cem Anos de Hindemith • CDs WARNER CLASSICS EM OFERTA

Festival de Salzburgo • Promoções de GDs e ingressos

para assinantes • CDs de Rostropovitch, Temirkanov e Bartoli em oferta

O Dossié Musical de Mariuccia lacovirio

Na revista VivaMúsica!, o amante dos clássicos encontra todas as informações para se manter sempre atualizado. Entre elas, uma agenda nacional e internacional com os principais eventos, entrevistas exclusivas com destaques do mundo da música, apreciação crítica dos principais lançamentos em CD, vídeo e CD-ROM, a opinião

de personalidades do meio musical e a colaboração dos mais importantes especialistas do país. Além disso, o assinante de VivaMúsica! participa de diversas promoções mensais e pode comprar e receber em casa os CDs do mês, selecionados pelos editores da revista. Ligue e peça seu exemplar. Mas espere a cortina fechar para não atrapalhar o espetáculo.

Viva Música!

A revista dos clássicos.

Internet: http://www.brazilweb.com/vivamusica/

PHILIPPE MANOURY (1952)

Compositor francês que estudou com Gérard Condé, Max Deutsch, Michel Philippot e Ivo Malec no Conservatório de Paris. A partir de 1975, estudou composição à base de computador, assistido por Pierre Barbaud. Deu aulas no Brasil (1978-79) e retornando à França foi convidado para participar do IRCAM, como pesquisador convidado (1980). Ali trabalhou na interação instrumento-máquina, cujo principal objetivo é o desenvolvimento de sistemas que permitam a simulação e a sequência em tempo real de comportamentos instrumentais. Entre 1987 e 1991, Manoury compôs um ciclo de peças (Júpiter e Plutão, entre elas) em que são integrados fenômenos de interpretação à música concebida com o auxílio de computadores. Atualmente trabalha na ópera 60e parallèle, a ser estreada em 1997. Musique II (1986) é destinada a metais e percussão. Sobre a obra, afirmou o autor: "A organização da partitura (...) assim como a disposição cênica dos músicos são concebidas de maneira simétrica: dois trios (trompete, trompa e trombone) emolduram duas marimbas que, por sua vez, emolduram a tuba. Os diferentes relês e ecos estabelecidos entre os dois trios situados nas extremidades constituem o essencial dessa vontade de simetria".

ANTON WEBERN (1883 - 1945)

Webern foi o mais radical compositor da Segunda Escola de Viena e, em muitos aspectos, um dos mais originais criadores da música da primeira metade do século XX. Como disse Boulez, ele "reagiu violentamente contra toda a retórica herdada, tendo em vista a reabilitação do poder do som". Sua obra, numericamente reduzida, é marcada pela elipse, pela brevidade e por um extremo rigor construtivo. O Concerto para 9 Instrumentos, Opus 24, foi composto em 1934 e dedicado ao antigo professor de Webern, Schoenberg, pelo seu 60° aniversário. "É no Concerto Opus 24 que iremos encontrar o exemplo mais claro e mais diretamente compreensível do emprego weberniano da série de doze sons. Para isso, Webern não escolheu uma série dissimétrica, ou seja, anarquizante, em que os diversos intervalos possuem tensões próprias, mas uma série fortemente hierarquizada, em que um fenômeno orgânico de base se reproduz várias vezes e por isso mesmo é mais facilmente discernível. A série do Opus 24 não comporta doze sons, mas quatro vezes três sons, e a relação que existe entre os três sons de uma célula é

exatamente a mesma nas quatro células, engendrando tanto relações harmônicas e contrapontísticas quanto funções estruturais. Uma arte que atinge um grau de despojamento de evidência pode parecer pobre; muitas vezes se disse, especialmente dessa obra, que nela falta substância ou "massa": censurase, de certo modo, a ausência de espessura que contrasta com toda a música harmônica do século XIX... É certo que a exposição do primeiro movimento do Opus 24 praticamente engendrou o pensamento serial pelo fato de que todas as relações são controladas, mesmo se, atualmente, essas relações nos parecem simplificadas em excesso; elas já trazem o germe de um pensamento específico que poderá ser ampliado, difundido, mas que permanece, não obstante, fundamental" (Pierre Boulez, Relevés d'aprrenti, Paris, Seuil, 1966).

GYÖRGY LIGETI (1923)

Nascido na Transilvânia, Romênia, formou-se na Academia Franz Liszt de Budapeste. A partir de 1950, ensinou harmonia e contraponto antes de fugir da Hungria, em 1956. Fixou-se em Colônia, na Alemanha, trabalhando com música eletroacústica. Atualmente vivendo entre Hamburgo e Viena, é cidadão austríaco desde 1967. Com suas obras para orquestra, como Apparitions (1958-59) e Atmosphères (1961), Ligeti desenvolveu um novo estilo musical, marcado por uma polifonia muito densa (micropolifonia) e por um desenvolvimento formal e estático. Requiem (1963-65), Lux aeterna (1966) e Kammerkonzert (1969-70), dentre outras obras, ampliaram suas experiências. Durante a década de 1970, sua polifonia tornou-se mais límpida e melódica (Melodien, 1971, Le Grand Macabre, 1974-77). A partir dos anos 80, desenvolveu uma técnica complexa de composição polirrítmica, exibida nos Estudos para Piano (1985-1994) e no Concerto para Violino (1990-92). O Concerto para Piano (1985-88) tem cinco movimentos. Sobre ele, afirmou o autor: "Quando a obra é bem tocada, quer dizer, com a velocidade requerida e a acentuação correta de cada estrato de tempo, ela acaba por decolar como um avião: a complexidade rítmica impede de distinguir cada estrutura elementar e cria um universo sonoro que parece planar. Essa dissolução de várias estruturas elementares em uma estrutura global, de natureza completamente diferente, é um dos postulados fundamentais de minhas composições".

ARNOLD SCHOENBERG (1874 - 1951)

Figura capital da música do século XX, Schoenberg formou-se à sombra da tradição pós-romântica alemã, enveredando logo para a estética expressionista. Liberou a dissonância explorando o novo espaço sonoro propiciado pela atonalidade (ou pantonalidade, como ele gostava de dizer). O "canto falado" de Pierrot Lunaire (1912) e a "melodia de timbres" de suas obras orquestrais posteriores foram algumas das muitas inovações que ele trouxe para a música. A mais radical e consegüente intervenção criativa de Schoenberg foi o serialismo, sistematizado no início da década de 1920. Com ele inaugura o dodecafonismo, a técnica de compor a partir dos doze sons da gama temperada, que abre novo capítulo dentro da música ocidental, apenas comparável aos da polifonia pré-renascentista e da harmonia temperada barroca. Por conta de sua audácia, foi um dos criadores musicais mais combatidos de nosso tempo. A Suite Opus 29 foi sua terceira partitura escrita utilizando a técnica serial, em 1926. Curiosamente, o autor retomou a tradição vienense das serenatas, marchas, divertimentos e danças, empregando na obra esquemas formais consagrados. Assim, são o espaço sonoro atonal e a sua reorganização através da técnica dodecafônica os únicos elementos que aparecem como dados radicais nessa partitura preocupada com um certo clima leve, espirituoso. A Sinfonia de Câmara Opus 9, concebida para apenas 15 instrumentos, contrasta com a produção sinfônica de Mahler na época (1906), destinada a enormes formações orquestrais. Afirmou Boulez a respeito da obra: "A Sinfonia de Câmara se abre com um motivo célebre, composto unicamente de quartas, que mostra a preocupação de Schoenberg em encontrar um outro sistema que não o de terças, até então adotado. Mais interessante nos parece a elaboração formal da Sinfonia, que condensa os quatro movimentos tradicionais em um só, e faz assim coincidir a nocão de desenvolvimento com a de esquema estrutural".

EDGARD VARÈSE (1883 - 1965)

Compositor franco-americano, Varèse perdeu em incêndio suas principais obras escritas até os 31 anos. Transferindo-se para os Estados Unidos, escreveu sempre pouco e para grupos instrumentais incomuns. ("Digo às pessoas que não sou músico: emprego os ritmos, as freqüências e as intensidades", disse ele certa vez). Como Wronski, via na música "a

corporificação da inteligência que existe nos sons". E postulava a liberdade formal: "Há um mal-entendido que nasceu de se considerar a forma como um ponto de partida, um modelo a ser seguido, um molde a ser preenchido. A forma é um resultado, o resultado de um processo. Cada uma de minhas obras determina a sua própria forma: ser-me-ia impossível inseri-las em alguma estrutura histórica". Intégrales, de 1925, é obra concebida para sopros e percussão, a junção instrumental predileta de Varèse. A partitura se organiza como uma série de variações e de transformações que partem de uma espécie de constante, que é o material que abre a obra: o tema mostrado pelo clarinete em Mi bemol. As sutis modificações melódicas, rítmicas, timbrísticas, baseadas no estrito quadro instrumental, garantem a homogeneidade da obra. Octandre, de 1923, apenas para sopros, é uma das únicas obras de Varèse a comportar vários movimentos (ainda que encadeados). Do reduzidíssimo catálogo do compositor, é das poucas partituras a não utilizar percussão. A instrumentação excepcional, na qual os instrumentos visitam regiões da tessitura às vezes surpreendentes, concretizam um discurso de aparência livre, onde cada segmento é introduzido por um solo melódico que faz o discurso proliferar.

IGOR STRAVINSKY (1882 – 1971)

Compositor russo fregüentemente comparado a Pablo Picasso, por causa de suas várias reviravoltas estilísticas, Stravinsky foi o autor de uma das partituras mais impactantes e perduráveis de nosso século, A Sagração da Primavera (1913). Muitas de suas obras - O Pássaro de Fogo, Petrouchka, Renard, L'Histoire du Soldat, Les Noces, Le Rossignol, dentre tantas outras – foram marcadas por uma originalidade que reuniu elementos extraordinariamente sofisticados de escritura a dados não correntes na música ocidental das primeiras décadas do século. Sua longa fase neoclássica, de Pulcinella (1919) a The Rake's Progress (1951), é a mais controvertida de sua carreira. Aí, nem sempre as referências feitas ao passado musical têm por objetivo servir de suporte a uma linguagem radicalmente nova e sim à criação de estilo baseado na metalinguagem. Em seus últimos anos, voltou-se decididamente para a estética serial de Webern, que via como o grande "criador de cristais sonoros" de nosso tempo. Como afirmou Stravinsky, "Uma tradição verdadeira não é uma relíquia de um passado irremediavelmente desaparecido; é uma força viva que anima e nos informa no presente". Suas Oito Miniaturas Instrumentais (1962) são reorquestrações bastante renovadoras das peças fáceis que escreveu em 1921 (*Les Cinq Doigts*), destinadas a pianistas iniciantes. As duas versões são marcadas pela irreverência e pelo humor. O Concertino para 12 Instrumentos foi composto em 1920, para quarteto de cordas, e transcrito, em 1952, pelo próprio compositor, para um grupo de 12 instrumentos. Nessa última versão, o violino concerto tem o seu papel de destaque, em meio a um discurso que faz referências ao concerto grosso barroco e à sonata clássica.

PIERRE BOULEZ (1925)

Regente, ensaísta, pedagogo e animador musical, Pierre Boulez é, enquanto compositor, figura fundamental da música francesa da segunda metade do século XX. Radicalidade, originalidade e consequência marcam sua obra voltada constantemente para novos espaços técnico-expressivos. Desde a Sonatina para Violino e Piano (1946) até partituras em progresso, mais recentes, como Répons (1981...), sua produção é marcada por notável rigor. Dentre suas obras especialmente notáveis encontram-se Le Soleil de Eaux (1948-65), Le Marteau sans Maître (1953-55), Pli selon Pli (1957-62), Domaines (1961-68), "... Explosante-fixe..." e Notations (1945-80). Ampliando os postulados da Segunda Escola de Viena (o dodecafonismo de Schoenberg, Berg e Webern), Boulez chegou ao serialismo integral, propondo a variação contínua de todos os parâmetros da composição. Para dar maior mobilidade e riqueza às estruturas, incorporou em muitas de suas partituras o acaso controlado. As obras de câmara Dérive 1 (1980-84) e Dérive 2 (1988-93) nasceram, segundo o compositor, "de uma série de derivações que são e serão compostas como partes de um diário, pequenas peças à margem de peças mais importantes e baseadas no mesmo material". São "proliferações" de idéias que o autor considera capazes de "fazer nascer outras plantas". A partitura de ... Explosante-fixe... nasceu em 1972, como homenagem póstuma a Stravinsky e, desde então, conheceu várias versões destinadas a diversas formações instrumentais, algumas incluindo a participação de computadores. Mémoriale (...explosante-fixe... originel), de 1985, é uma elegia dedicada ao flautista Larry Beauregard, do Ensemble InterContemporain, desaparecido naquele ano.

HARRISON BIRTWISTLE (1934)

Influenciado inicialmente pelas obras de Stravinsky, Varèse e Webern e pela música medieval, Sir Harrison Birtwistle tornou-se, nos últimos anos, figura de proa da música inglesa. Sobre ele, David Allenby afirmou recentemente: "Uma linguagem musical pessoal de uma grande força mítica e emocional que está dentre as mais impressionantes e originais da música européia do pós-guerra". Nascido em Accrington, no norte da Inglaterra, Birtwistle estudou clarineta e composição no Royal College of Music, onde entrou em contato com um grupo de contemporâneos de talento, como Peter Maxwell Davies, Alexander Gohers, John Ogdon e Elgar Howarth. Dentre suas primeiras obras encontram-se Refrains and Chorus (1957), Tragoedia (1965) e o espetáculo Punch and Judy (1968), que rendeu a ele fama internacional. Muitas dessas e de outras partituras posteriores são marcadas por uma visão ritualística da música e fazem referências aos mitos do nascimento, da morte e da regeneração. A partir da década de 1970, escreveu obras de grandes proporções, como a monumental tragédia lírica The Mask of Orpheus (1984), e nos últimos anos compôs, dentre outras, Secret Theatre, Mechanicae Perpetuum, Gawain e The Second Mrs. Kong. É de 1977 a obra Silbury Air, inspirada em sítio pré-histórico situado no condado de Wiltshire, na Inglaterra. Sobre esse local, afirmou o compositor: "É o maior outeiro artificial da Europa, com 38 metros de altura, com extensão de mais de 2 hectares. Sua destinação, depois de séculos de conjeturas, ainda continua um mistério". Birtwistle afirma que sua música, sem pretender ser descritiva, apresenta idéias musicais através da justaposição e da repetição de objetos: "Esses objetos eles mesmos são submetidos a uma vigorosa lógica (inventada), por intermédio de modos de justaposição, de repetição e de mudança".

OLIVIER MESSIAEN (1908 - 1992)

Profundamente católico, ornitólogo conhecedor dos pássaros do mundo inteiro, sensibilidade capaz de ouvir cores nos sons, Olivier Messiaen é figura capital da música de nosso tempo. Suas pesquisas rítmicas junto às culturas grega, indiana e ocidental da Idade Média foram incorporadas por ele em uma linguagem de enorme refinamento harmônico e de grande variedade timbrística. Foi organista na *Église de la Trinité* de Paris e fundou, com Lesur, Baudrier e

Jolivet, o grupo Jeune France. Mobilizado em 1939, foi preso pelos alemães em 1940, escrevendo o Quarteto para o Fim dos Tempos em um campo de prisioneiros. Lecionando no Conservatório de Paris a partir de 1942, tornou-se um dos artistas mais influentes de seu tempo, sendo professor de centenas de alunos, Stockhausen e Boulez dentre outros. Seu Modo de Valores e Intensidade (1949), para piano, foi fonte de inspiração da estética serial desenvolvida pela geração bouleziana. Dentre as inúmeras partituras de Messiaen destacam-se Visions de l'Amen (1943), Trois Petites Liturgies de la Présence Divine (1943-44), Turangalila-Symphonie (1946-48), Catalogue d'Oiseaux (1956-58), Chronochromie (1959-60), Des Canyons aux Étoiles (1971-74) e Éclairs ver l'Au-delà (1992). Sobre Oiseaux Exotiques, Messiaen disse: "Eles foram comissionados por Pierre Boulez para os concertos do Domaine Musical. Foram escritos entre 5 de outubro de 1955 e 23 de janeiro de 1956, e apresentados pela primeira vez a 10 de março de 1956, em Paris. Essa partitura é feita de cantos de pássaros exóticos da Índia, da China, da Malásia e das duas Américas. Os Pássaros Exóticos que cantam nessa partitura têm maravilhosas plumagens coloridas. Essas cores muito vivas estão na música; todas as cores do arco-íris aí circulam, incluindo o vermelho...".

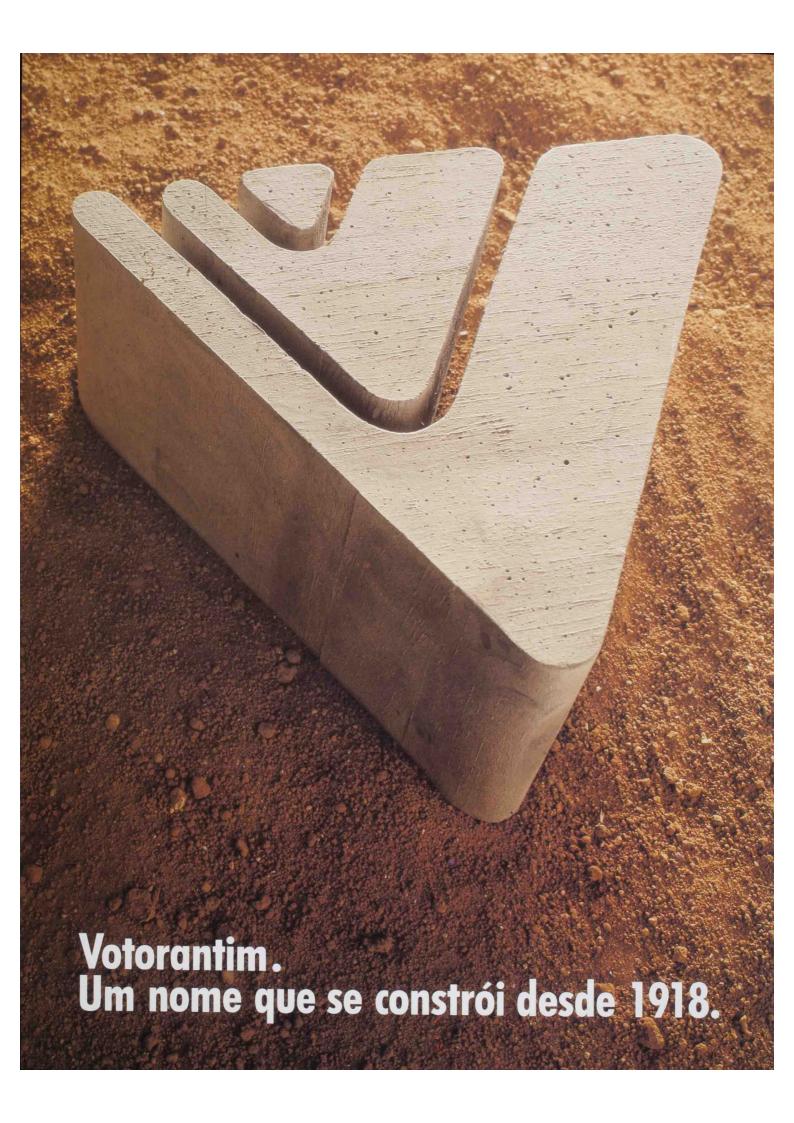
PETER EÖTVÖS (1944)

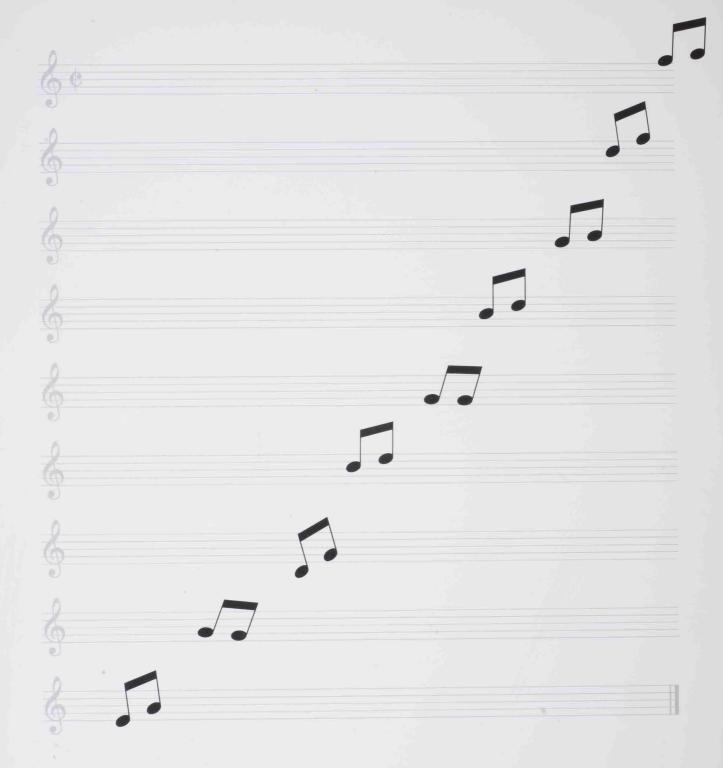
Aos 14 anos, foi admitido por Kodály na Academia de Música de Budapeste para estudar composição. Depois disso, estudou regência na Escola Superior de Música de Colônia, na Alemanha. A partir dos 16 anos, escreveu música regularmente para o teatro e o cinema. Entre 1971 e 1979, colaborou com o estúdio de música eletrônica da Westdeutscher Rundunfunk de Colônia, um dos principais da Europa. Em 1978, convidado por Pierre Boulez, regeu o concerto inaugural do IRCAM e, posteriormente, foi nomeado diretor musical do Ensemble InterContemporain, posto que ocupou até 1991. Foi nomeado Officier de l'Ordre de l'Art et des Lettres pelo Ministro da Cultura Francesa, em 1986. Como regente, vem atuando sobretudo na Inglaterra e na Holanda e é professor da Escola Superior de Música de Karlsruhe e Diretor da Orquestra de Câmara da Rádio Hilversom. Em 1991, fundou o Instituto e Fundação Peter Eötvös para jovens regentes e compositores. Chinese Opera (1985-1986) tem as seguintes partes: 1. Prelúdio e Cortina (para Peter Brook);

2. Primeira Cena em Mi e Sol sustenidos (para Luc Bondi); 3. *Comic 1* (para Bob Wilson); 4. Segunda Cena em Fá e Sol (para Klaus Michael Grüber); 5. *Comic 2* (para Jacques Tati); e 6. Terceira Cena em Fá sustenido e só e Cortina (para Patrice Chéreau). Sobre a obra, afirmou Peter Szendy: "Ópera falada e sem voz, ópera cômica e fantástica, ópera dos movimentos de massa, de praça pública, não chinesa mas de uma 'província interior' do compositor, é difícil atribuir um gênero à partitura".

PHILIPPE HUREL (1955)

Nascido em Domfront, na França, Philippe Hurel fez estudos de musicologia na Universidade de Toulouse e, depois, frequentou o Conservatório Nacional de Música de Paris. Em seguida, integrou-se na equipe de Pesquisa Musical do IRCAM (1985-1990), que ele deixou provisoriamente para uma temporada na Villa Médicis de Roma (1986/88). Atualmente, vive em Versalhes, compõe e dirige o grupo Court-circuit, com Pierre André Valade. Hurel pertence à geração de compositores franceses que desenvolveram os princípios da música chamada "espectral", iniciada por Gérard Grisey e Tristan Murail no final da década de 1970. Conforme às especificidades dessa corrente estética, a música de Philippe Hurel, fortemente apoiada no timbre, quer-se compreensível a uma primeira audição e integra os processos que permitem passar progressivamente de um estado dado da matéria sonora a um outro. Fortemente influenciado pelos trabalhos desenvolvidos em psicoacústica, Hurel gosta das ambigüidades sonoras, que fazem dele um dos compositores que, nos últimos anos, melhor repensou as funções melódicas e rítmicas. Pour l'image (1986-87) faz parte da produção que o autor define como: "Percorrer um trajeto no qual cada etapa nos é familiar", utilizando a repetição como elemento estruturador da partitura.





NA NOSSA COTAÇÃO, A CULTURA ESTÁ SEMPRE EM ALTA.

Bolsa de Valores de São Paulo, Patrocinadora da Temporada Internacional de 1996 da Sociedade de Cultura Artística.

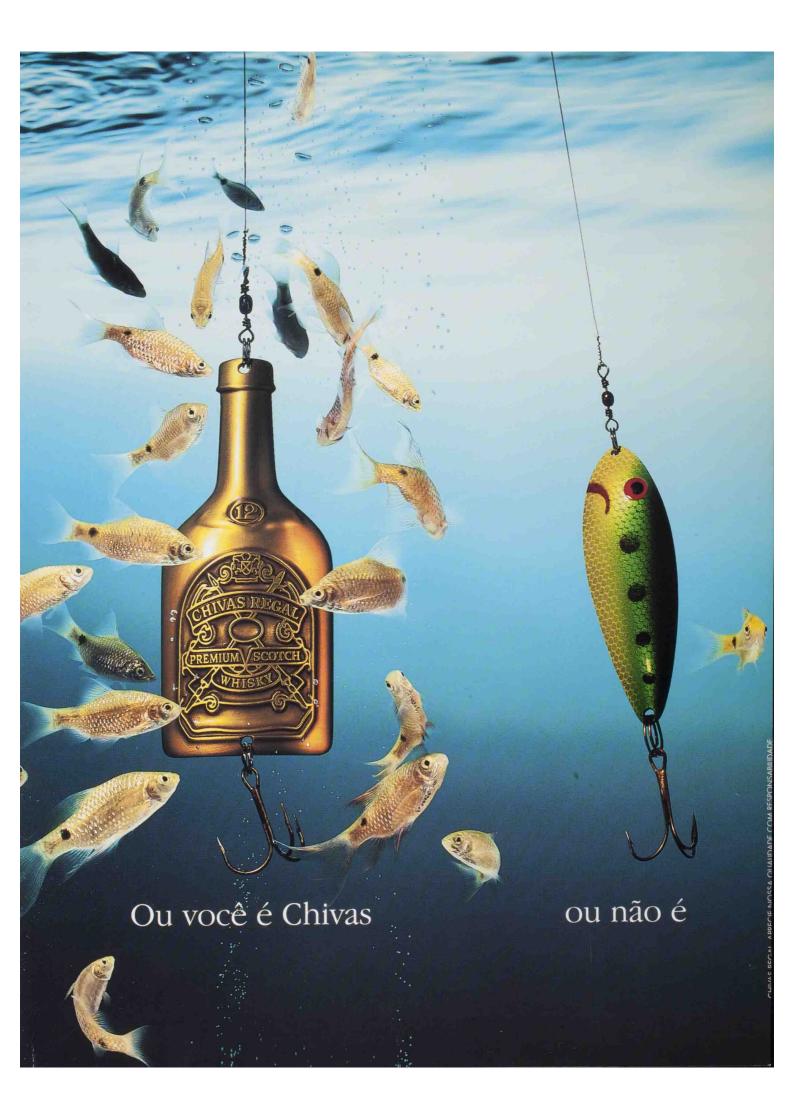


SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA
JOSÉ E. MINDLIN
J. JOTA DE MORAES
JOSÉ LUÍS DE FREITAS VALLE
FERNANDO ROSA CARRAMASCHI
CARLOS RAUSCHER
GÉRARD LOEB
JAYME SVERNER
JOÃO LARA MESQUITA
JOSÉ ZARAGOZA
GÉRALD PERRET

PRESIDENTE
VICE-PRESIDENTE
DIRETOR ARTÍSTICO
DIRETOR SECRETÁRIO
DIRETOR TESOUREIRO
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
DIRETOR
SUPERINTENDENTE

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal





NOVA LINHA DE VIDEOCASSETES TOSHIBA V3, MONO OU HI-FI ESTÉREO. COM A EXCLUSIVA FUNÇÃO RENTAL POSITION, QUE FAZ COM QUE ATÉ AS FITAS JÁ MUITO USADAS PRATICAMENTE RECUPEREM A QUALIDADE DA IMAGEM ORIGINAL. E MAIS, A REVOLUCIONÁRIA TECNOLOGIA V3 - NORMALMENTE ENCONTRADA EM VÍDEOS DE USO PROFISSIONAL - ONDE A PRÉ-AMPLIFICAÇÃO DE SINAIS É EFETUADA DENTRO DO PRÓPRIO CILINDRO. O QUE RESULTA NUMA EXCEPCIONAL MELHORIA DE IMAGEM E NITIDEZ.

HOT LINE: (011) 523-9744

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA A AMAZÔNIA.



SEMP TOSHIBA